

CARACTERIZAÇÃO FÍSICA DO MUNICÍPIO DE PERUIBE/SP

Autores: VALEZIO, Everton Vinicius ; OLIVEIRA, Regina Célia de.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Agência Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Palavras-chave: Caracterização Física - Cartografia - Peruíbe - Zona Costeira.

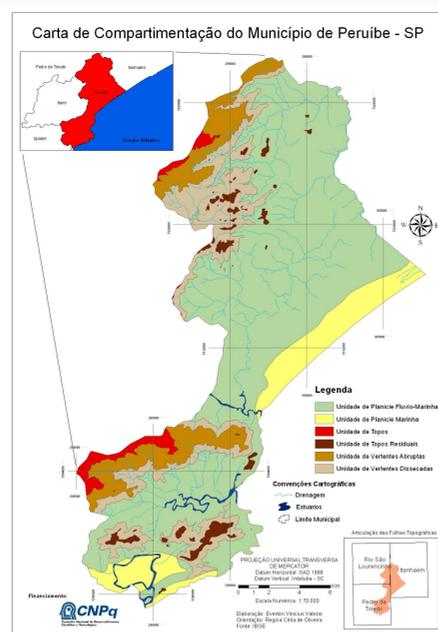
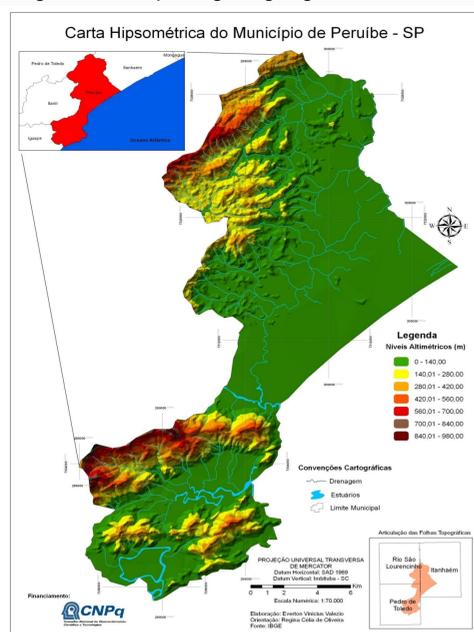


Introdução

Tendo como questão central os processos físicos e os seus desdobramentos no município de Peruíbe/SP, especialmente pela complexa estruturação física do local, este presente trabalho visou anexar, construir e relacionar uma base cartográfica de diversos aspectos físicos presentes, para a elaboração final de uma carta de compartimentação do relevo, estruturada sobre a união dos diferentes materiais cartográficos produzidos e/ou organizados ao longo do projeto.

Metodologia

O estudo seguiu a abordagem sistêmica discutida por Christofolletti (1979) e os procedimentos operacionais propostos por Libault (1971), sendo esta estruturada em quatro níveis para a abordagem geográfica, nível compilatório, nível correlatório, nível semântico e nível normativo. O nível compilatório concebe aos dados caráter fundamental ou complementar, evidenciando os objetivos e sustentando as análises posteriores. O nível correlatório compreende a correlação dos dados e a análise das informações sobre a área de estudo. O nível semântico estabelece a etapa interpretativa, visando compreender de que modos os fenômenos ocorrem e como ocorrem. Por fim, o nível normativo se estabelece pela tradução dos dados de forma aproveitável, como produtos do estudo efetuado. Essa lógica de análise dedutiva sequencial busca compreender os agentes que regem toda a paisagem geográfica.



Resultados e Discussões

O levantamento e produção de materiais cartográficos evidenciaram a existência de diversos processos a dinâmica oceanográfica, climática, geológica e geomorfológica, que unidos, dão a interface continente/oceano características peculiares. A Unidade Morfoestrutural do Cinturão Orogenético do Atlântico (ROSS, 1997) ali presente se constitui por um relevo denudacional, com escarpas e cristas com topos aguçados e convexos, com altimetrias que variam de 20 metros até cerca de 1000 metros, dando origem a CAMBISSOLOS E NEOSSOLOS, além de potencializar, em conjunto com a rica drenagem e o regime climático, processos erosivos pluvio-fluviais e movimentos de massas espontâneos e induzidos.

Já a Planície Litorânea se encaixa na Unidade Morfoestrutural Bacia Sedimentar Cenozóica (ROSS, 1997), tendo como fatores determinantes para sua formação as correntes de deriva litorânea, as variações do nível do mar e os regimes de onda, proporcionando a interação de atividades destrutivas

e construtivas, além da formação de ESPODOSSOLOS e de canais meandrosos.

A planície sedimentar de Peruíbe se constituiria, conforme Giannini e Fernandez (1984), por três faixas regressivas paralelas a costa, correspondentes a depósitos sedimentares advindos de regressões e transgressões marinhas ao longo dos últimos 120.000 A. P., época Pleistocênica e Holocênica do Quaternário. Com as informações adquiridas foi possível estabelecer a compartimentação do relevo e distinguir as áreas conforme suas características geológicas, pedológicas, hipsométricas, clinográficas e de drenagem.

Conclusões

O levantamento cartográfico em conjunto com o estudo da dinâmica permitiu a caracterização física do município, o que remonta a conexão dos elementos físicos, dos processos dominantes e o ajustamento destes expressos na morfologia, tendo como resultado a carta de compartimentação. Ao se conhecer melhor fisicamente certa área, com seus processos e dinâmicas, podemos inferir com maior precisão sobre a futura evolução, podendo, inclusive, constituir planos de gestão costeira, futuras expansões urbanas, como também agir na preservação dos recursos hídricos, da vegetação, ou mesmo entender de que forma processos atuantes em áreas como estas podem influenciar o relevo, a drenagem e o solo.

| Unidades Morfoestruturais | Unidades Morfoestruturais | Geologia | Solos | Altimetria | Morfologia | Declividade | Drenagem |
|-----------------------------------|---------------------------|---|--|---|--|---|--|
| Cinturão Orogenético do Atlântico | Topos | Rochas pré-cambrianas (superiores a 520 milhões de anos). | Presença de cambissolos háplicos e argilossolos vermelhos-amarilos. | Amplitudes locais variando de 560 a 980 metros. | Presença de topos angulosos e vertentes ravinadas. | Predomínio de declividades superiores a 30,01%. | Predomínio de canais de 1ª ordem. |
| | Topos Residuais | Rochas pré-cambrianas (superiores a 520 milhões de anos). | Presença de cambissolos háplicos, neossolos lítóicos e espodossolos ferrocárbicos. | Amplitudes locais variando de 140 a 980 metros. | Presença de topos angulosos e vertentes ravinadas nas maiores altitudes e arredondados e vertentes convexas a retilíneas em menores altitudes. | Predomínio de declividades médias a altas (acima de 20,01%). | Drenagem de baixa densidade com canais de 1ª ordem. |
| | Vertentes Abruptas | Rochas pré-cambrianas (superiores a 520 milhões de anos). | Presença de cambissolos e neossolos lítóicos. | Amplitudes locais variando de 280 a 560 metros. | Presença de vertentes retilíneas com vales fechados. | Predomínio de declividades altas (acima de 30,01%) com presença de pequenos trechos entre 20,01% a 30%. | Drenagem de alta densidade com canais de 1ª e 2ª ordem. |
| | Vertentes Dissecadas | Rochas pré-cambrianas (superiores a 520 milhões de anos). | Presença de neossolos lítóicos e cambissolos háplicos. | Amplitudes locais variando de 140 a 280 metros. | Presença de vertentes retilíneas, por vezes abruptas, com parcelas de serras restritas. | Predomínio de declividades altas (acima de 30,01%), mas com maior presença de declividades mais brandas (12,01% a 30%). | Drenagem de alta densidade com canais de 1ª, 2ª e 3ª ordem. |
| Bacia Sedimentar Cenozóica | Planície Marinha | Depósitos litorrâneos indiferenciados do Holoceno (inferiores a 3.000 anos). | Presença de espodossolos ferrocárbicos e glicosolos sálicos. | Amplitudes locais variando de 0 a 20 metros em terrenos mais ou menos planos. | Planície composta por areia frável, retrabalhada pelo vento, ondas e mares. | Declividades baixas (inferiores a 2%). | Drenagem de baixa densidade, que, quando presentes, se configuram em canais de 4ª ordem e em estuários. |
| | Planície Flúvio-Marinha | Depósitos flúvio-marinhos do Holoceno e do Pleistoceno (depositados de 3.000 a 120.000 anos). | Presença de espodossolos ferrocárbicos e neossolos lítóicos. | Amplitudes locais variando de 0 a 80 metros, altitude esta atingida na faixa mais próxima da região cristalina. | Planície composta por frações de areia, argilas e cascalhos, influenciados diretamente por processos flúvio-marinhos e disposto sobre a Formação Cananéia. | Declividades baixas (inferiores a 2%). | Drenagem de alta densidade em faixas mais continentais, com canais de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª ordem, e drenagem meândrica a medida que se aproxima do mar. |



Referências Bibliográficas

CHRISTOFOLLETTI, A. **Análise de Sistemas em Geografia**. São Paulo: Hucitec: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

GIANNINI, P. C. F. ; FERNANDES, H. G. Aplicação de análises de tendências por regressão múltiplas e parâmetros sedimentológicos em duas áreas da costa do sudeste paulista. *In: Congresso Brasileiro de Geologia*, 1984, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro : SBG, 1984. v. 1. p. 145-158.

LIBAULT, A. Os quatro níveis da pesquisa geográfica. **Métodos em questão**. São Paulo, Instituto de Geografia, USP, 1971.

ROSS, J. L. S.. **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. 8ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2007.